

## Entrevista com Fabius, do Trio Tamoyo

Site Poucas e Boas da Mari – [www.poucaseboasdamari.com](http://www.poucaseboasdamari.com)

Por Mari Valadares – MTB: 43.155/SP

**01 - Fabius, com Otávio Gali e Luís André “Piza”, você forma o Trio Tamoyo. Tamoyo é de origem tupi, que significa “o avô, o mais antigo”. Qual a ligação desse significado com vocês?**

Tamoyo foi, na verdade, o nome de uma “liga”, uma “confederação” de várias tribos; os tupinambás, os goitacás os aimorés e os carijós. Eles se uniram para enfrentar o inimigo invasor, que, no caso, eram os portugueses, que também tinham como aliados os tupiniquins. Aimberê foi o índio articulador dos Tamoyos, mas o grande líder indicado pelo próprio Aimberê foi Cunhambebe. O Trio Tamoyo tem um pouco mais do que a ideia de resistência cultural, mas uma coisa mais agressiva que corresponde a “ataque” de cultura musical diante de um cenário corrompido.

**02 - O Trio Tamoyo procura se caracterizar como um grupo que busca a produção de sons inesperados. O que seria inesperado para vocês? E como funciona a busca por esses sons?**

Pesquisar e misturar. A própria formação do trio é inesperada. Baixo de pau construído em 1918, uma viola feita de cabaça (ou porunga) e uma bateria para buscarmos a música das entranhas de nossa música mais primitiva como a indígena, as folias de reis ou mesmo para retermos Ataulfo Alves, Dorival Caymmi, Beatles ou Dick Dale, da surf music. Nossa etnomúsica é muito rica. Se for preciso atravessar o país para conhecer o som do jacuí (uma flauta sagrada dos índios do Alto Xingu), eu vou. Conhecer a música dos guetos afro-caipiras como dos batuques de umbigada, de jongo, os moçambiques do Vale do Paraíba é uma necessidade de nossa população, principalmente dos mais jovens, que nem conhecem as coisas que seus pais conheceram. O Gali e do Piza têm uma formação musical ampla e ousada para criar. Isso define muito nossa linha de trabalho.

**03 - Você integrou a banda Dioni Zica no final dos anos 90 até 2007. Com a banda, você participou da Coletânea “Moda Nova – Caipira POP” lançada em 2003. A junção da música caipira com o pop é um movimento que surgiu discreto. Esse surgimento veio pela necessidade de renovar a música caipira para ela não cair no esquecimento?**

Não. As bandas eram formadas por pessoas criadas no espaço urbano que tinham alguns referenciais da vida rural presentes no interior e, em alguns lugares, nas capitais do país. É muito presente essa memória da cultura caipira até em fast-food de shopping center quando existe entre Mac Donald’s, Pizza Hut e Bob’s, um restaurante com comida “da fazenda” cheio de carne de porco à pururuca, quiabos, feijão, farofa e um tonel de cachaça gratuita aos clientes. A relação desses músicos com essa memória se manifestou na forma de composições bonitas, alegres, bem gravadas no estúdio da Paradox. Mas esse movimento não foi bem recebido pela mídia brasileira porque há um imenso preconceito sobre a caipirada. As bandas quase todas foram dissolvidas. O Newton Barreto, da cidade de Rio Claro - SP, que integrava o Fulanos de Tal e que produziu o disco não aguentou a falta de espaço que existia para nós e foi viver de música tocando samba na China e no Casaquistão. Eu acho isso muito triste ter que engolir algumas duplas sertanejas. Parece uma lavagem cerebral o que a mídia faz com essa juventude, que é privada de conhecer o

som do Cordel do Fogo Encantado, de Guinga, ou mesmo de outros artistas que atuam há mais anos, como João Bosco, por exemplo.

**04 - Além de músico, você é pesquisador de manifestações culturais do Sudeste. Quando surgiu seu interesse por essas manifestações? E qual a situação delas na região Sudeste atualmente?**

Meu interesse pelas manifestações culturais de nossa região se manifestou quando eu redescobri as Folias de Reis na região em que nasci, em Santa Fé do Sul. Viajei bastante para ver o “arrombamento” cultural que São Paulo vem sofrendo ao longo das décadas. Em quase todos os lugares, elas sobrevivem com o “apoio” de algumas prefeituras, que dão transporte para se apresentarem em municípios vizinhos. Salvo alguns casos, como o do batuque de umbigada de Piracicaba, elas não se renovam para as gerações mais jovens por uma série de fatores, principalmente porque não há mais um vínculo com a terra, com a cultura rural. Na região de Ribeirão Preto, nas cidades menores que estão mais próximas de Minas Gerais, há uma força grande das Folias de Reis. Os vales do Paraíba, do Ribeira mantém muitas tradições também, mas se vimos a situação do Cururu em Sorocaba, Piracicaba, em Laranjal Paulista, por exemplo, notamos sua fragilidade. Há um mês, morreu o Abel Bueno, uma das maiores estrelas da cena do Cururu. Não há um jovem repentista caipira para substituí-lo. Esse laço da renovação se rompeu não só no cururu, mas no caiapó paulista, nas congadas, em muitas folias do divino, nas catiras e em muitas outras tradições.

**05 - É sabido que culturas como a caipira e a indígena foram engolidas pela industrialização, pelo agronegócio, pela indústria cultural. Ter esse estilo é mostrar uma resistência a essas mudanças ou imposições?**

É muito triste ver o que a laranja fez com as famílias que trabalhavam com o café. O trabalhador era empregado, mas tinha moradia, criava alguns animais e obtinha, de certo modo, fontes alternadas de alimento. Na cidade, morava na periferia e voltava para colher laranja nas fazendas que incorporaram os pequenos sítios. Com a cana-de-açúcar, a situação é pior. A caipirada se afastou do cenário rural devido às condições ruins de trabalho. Então o cortador de cana vem do interior do Piauí, do Maranhão e é, muitas vezes, submetido a condições piores do que esperava. Não há ciclos de produção agrícola vinculados à atividade cultural do cortador de cana. O que o jornalismo mostra é assustador. Trabalhador rural fumando crack para cumprir as dez toneladas diárias estabelecidas. Esse cortador de cana não ouve nem o que chamam por aí de “sertanejo universitário”. Há algo errado na roça!

**06 - Você compôs a trilha sonora dos filmes de Leopoldo Nunes, “A lata” e “O Profeta das Águas”. Como essas trilhas foram compostas? Os filmes já estavam finalizados?**

Não foram feitas sobre encomenda as trilhas. Em “A lata”, há uma abertura com uma música minha que fala sobre saci e a relação do povo com a cachaça num viés religioso quando se filmam vários moradores de rua numa cena bem urbana de pobreza. Esse filme foi premiado por essa abordagem muito inusitada do catador de reciclável. No “Profeta das águas”, há trechos na abertura e no meio que são preenchidos com minha música. Ficou bem casadinho embora já tivessem compostas as canções.

**07 - Quais são os projetos para esse ano, Fabius?**

Projeto musical é lançar o cd do Trio Tamoyo no segundo semestre e ampliar a turnê para fora do Estado de São Paulo. Como produtor cultural, estamos abrindo frente junto a

prefeituras ou unidades do SESC mesmo para a cultura popular. Neste mês agora, por exemplo, estamos com o “Festival Caipira” em Jaú, no qual estarão presentes violeiros grande expressão para um público que não via esse tipo de coisa faz tempo. Isso só acontece porque o secretário de cultura lá e sua equipe são ousados. Conduzir a população para Pouso Alegre, que é um bairro rural e concentrar em dois finais de semana “Fórum Estadual do Saci”, Catireiros, Cururueiros, Festival de Duplas de Raiz, e violeiros como Zeca Collares, Levi Ramiro, Ricardo Vignini, Osni Ribeiro, Ricardo Anastácio, Índio Cachoeira. Existem outros projetos só com trios também que estamos colocando por aí. Fora a música, muito trabalho com meus alunos e com minha Pós-Graduação.

#### **08 - Uma mensagem para os frequentadores do site Poucas e Boas da Mari.**

Acho muito importante as pessoas buscarem fontes alternativas de informações. Só o fato de entrarem no site Poucas e Boas da Mari para lerem sobre conteúdos alternativos já é um caminho para não sermos manipulados até pelos meios jornalísticos. Um leitor crítico não vira “vaquinha de presépio” de ninguém. Acredito que uma base cultural mais consistente está na valorização da arte brasileira, observar as coisas boas que estão rolando por aí no cinema, na dança, na música, nas praças, nos bares, teatros, sites. Falando em sites, gostaria de convidar os frequentadores do Poucas e Boas da Mari para entrarem no [www.myspace.com/fabiustriotamoyo](http://www.myspace.com/fabiustriotamoyo)